

Vergílio Ferreira e Fernando Pessoa, numa carta inédita

Leyla Perrone-Moisés*

Palavras-chave

Vergílio Ferreira, Fernando Pessoa, polêmicas, reconhecimento, crítica, admiração.

Resumo

Edita-se uma carta inédita de Vergílio Ferreira sobre Fernando Pessoa, enviada a Leyla Perrone-Moisés em 1982. A carta dá prosseguimento ao longo diálogo do romancista com a obra do poeta, iniciado de maneira polêmica em 1951-52, como uma reação dos escritores neo-realistas da revista *Vértice* à fama crescente de Pessoa. Eduardo Lourenço e Adolfo Casais Monteiro reagiram à crítica negativa dos polemistas de *Vértice*. Essa carta revela que Vergílio Ferreira, depois de três décadas, mudou sua visão de Pessoa, mas não inteiramente. Reconhece então a grandeza do poeta, declara-se seu admirador, mas mantém alguns argumentos contrários à sua obra, como as acusações de artificialismo e de vacuidade.

Keywords

Vergílio Ferreira, Fernando Pessoa, polemics, recognition, criticism, admiration.

Abstract

What follows is an unpublished letter about Fernando Pessoa, written by Vergílio Ferreira and sent to Leyla Perrone-Moisés in 1982. The letter continues the long dialogue of the novelist with the poet's work, which began in polemical fashion in 1951-52, as a reaction from the neorealist writers of the *Vértice* magazine to the growing fame of Pessoa. Eduardo Lourenço and Adolfo Casais Monteiro then reacted to the negative criticism made by the *Vértice* polemicists. This letter reveals that Vergílio Ferreira, after three decades, changed his view of Pessoa, but not entirely. He recognizes, at this later date, the greatness of the poet, declares being his admirer, but sustains some arguments opposing the poet's work, such as accusations of artificialism and vacuity.

* Universidade de São Paulo (USP).

Revirando meus arquivos, encontrei essa carta de Vergílio Ferreira, datada de setembro de 1982. É sua resposta ao envio que lhe fiz da primeira edição de meu livro *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*. A carta de Vergílio, como se pode ver em seu fac-símile, é de leitura difícil. A caligrafia, minúscula e ensimesmada como o romancista, foi por mim decifrada com o auxílio precioso de Jerônimo Pizarro. Ela é uma espécie de balanço das relações do romancista com o poeta naquela data, relações tão intrincadas quanto sua caligrafia.

Eu conhecia e admirava o romancista de *Aparição* desde 1962. Em 1963, como especialista de literatura francesa, publiquei uma resenha de seu livro *André Malraux, interrogação ao destino*, no “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ao longo dos anos reencontrei-o algumas vezes em Lisboa e uma vez em São Paulo, na casa da poeta Maria Lucia Dal Farra. Daí ele me tratar como amiga.

Quando recebi essa carta fiquei agradecida e, naturalmente, interessada em suas considerações. Mas confesso que, na época, eu pouco sabia do longo e tenso diálogo que o romancista travava, desde os anos 1950, com o poeta. Lembrava-me vagamente de ter lido algo sobre isso. E como, em 1982, eu já estava empenhada em outras pesquisas alheias a Pessoa, não procurei aprofundar o assunto.

Somente agora, depois de quatro décadas, ao reler a carta me dei conta de sua importância para o estudo das relações de Vergílio Ferreira com Fernando Pessoa. Reli então os dois artigos excelentes de Maria da Glória PADRÃO (1981, 1982) publicados na revista *Persona* (“I – O neo-realismo contra a *Presença* e Casais Monteiro” e “II – O Neutro e a Contemporaneidade”). Esses artigos não apenas me reavivaram a memória, mas também me trouxeram de volta à crítica pessoana, da qual eu andava um pouco afastada. Fui então levada a reler os textos da polêmica provocada pela revista *Vértice* em 1952, as respostas de Eduardo LOURENÇO (1952) e Adolfo Casais MONTEIRO (1954), e a folhear o problemático livro de Mário SACRAMENTO (1958), assim como os romances de Vergílio Ferreira nos quais há tantos ecos de Pessoa. E só depois dessas leituras pude, de fato, decifrar as entrelinhas da carta e aquilatar a honra que foi tê-la recebido.

A primeira declaração, “sou um velho admirador de Pessoa” contradiz a opinião corrente, presente até na internet, de que Vergílio Ferreira “detestava Pessoa”. O admirador acrescenta “mas já um tanto fatigado”. O romancista estava fatigado, não apenas das antigas polêmicas pessoanas, mas sobretudo da “verdade”, que ele buscou sofridamente durante toda a sua vida: “A verdade cansa e é por isso que existe o erro, ou seja outra verdade”.

“Pessoa é um muro e há assim de transpô-lo ou ladeá-lo”, diz ele. De fato, a grandeza de Pessoa e o crescimento incessante de seu reconhecimento como gênio, foram sentidos pela geração imediatamente posterior à sua como um empecilho. Essa foi à principal razão da irritação dos os neo-realistas de *Vértice*, além das discordâncias filosóficas e políticas que os paradoxos e as ambigüidades do poeta provocavam neles. Irritação que levou Vergílio a afirmar, naquela ocasião, que

Pessoa era “apenas um humorista”, que seus poemas eram “um jogo vão de palavras” (FERREIRA, 1952: 537) e que Casais Monteiro dizia “asneiras” (*apud* PADRÃO, 1981: 47).

Entretanto, já em 1952 o romancista se afastava dos colegas polemistas e revelava sua contrariedade por ter de “descascar” Pessoa. Na primeira carta a Álvaro Sampaio, Vergílio Ferreira escrevia: “Um alto serviço prestado às gerações futuras seria precisamente esse de nos aplicarmos todos a descascar Pessoa, a ver o que tem por dentro. Pode ser que tenha uma verdade maciça de fruto e de semente. Pode ser que tenha só casca” (1952: 537). E na segunda:

Pobre Pessoa. Não tivesse ele a defendê-lo certos irrequietos e impertinentes senhores [leia-se: Adolfo Casais Monteiro e Eduardo Lourenço] e nós consumiríamos nosso tempo não a diminuí-lo, mas a reconhecê-lo e engrandecê-lo naquilo que o valoriza. Mas quê? Os paroleiros chamam-lhe génio, Goethe, Shakespeare e outras coisas medonhas. E nós para o deixarmos em seu sensato lugar temos de dizer mal dele. Bonito azar ao menos para nós!

(*apud* PADRÃO, 1981: 45)

Na carta a mim destinada, o agora auto-proclamado admirador de Pessoa revela, logo em seguida, que seu contencioso com o poeta continua. Afirma que ele era “incompreensível”, e cita um professor de filosofia que teria provado ser ele “ininteligível”. E volta às antigas razões de não o admirar: “Para mim, que lhe bati o pé, *não sei se para me independentizar* [grifo meu], mas o poeta me colidiu com a compreensão. Mas colidiu-me com a margem de toda a arte, que é artifício, e nele me soa [note-se o verbo no presente] artificialismo”.

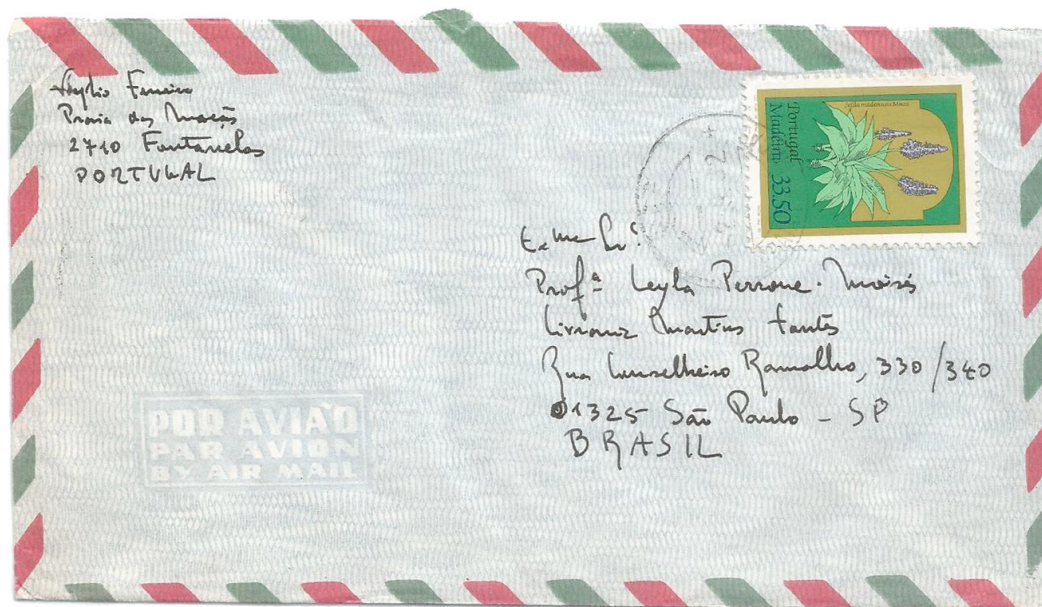
Em seguida, há uma formulação notável: “Hoje não o discuto como se não discutem as pedras que são, por si sós, uma maravilha da criação”. Pessoa é, para os que vieram depois dele, aquela “pedra no meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade. E Vergílio reconhece que errou quando, trinta anos antes, vaticinava que a fama de Pessoa não duraria muito: “Mas não o discuto sobretudo porque ele está aí, inamovível, e há que continuar a viver”. Diz que não o discute, mas continua a teimar com antigos argumentos contrários à Pessoa, comparando-o com Eça de Queirós, como fazia na antiga polêmica. Segundo ele, assim como Pessoa obliterou Eça, outros obliterariam Pessoa.

Finalmente, retoma a questão dos heterônimos do ponto de vista filosófico: a constituição do sujeito na modernidade, que tornaria Pessoa legível à luz de “Lacans e Derridas”. E tem aí toda razão. Pessoa estava décadas à frente nessa questão, e a prova maior é que, desde o fim do século XX, ele é cada vez mais compreendido e admirado. Vergílio termina dizendo que ainda nem folheou o meu livro, mas esse fecho da carta é um diálogo comigo. Naquela altura, ele já conhecia minha leitura lacaniana, apresentada no 1º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos de 1978 (PERRONE-MOISÉS, 1979).

Na longa entrevista concedida a Maria da Glória Padrão (in *Vergílio Ferreira, um escritor apresenta-se*), a entrevistadora lhe pergunta: “Quais ou autores nacionais ou estrangeiros aos quais mais gostaria de dedicar um ensaio?”. E Vergílio responde: “Antes de todos, um Fernando Pessoa com quem comecei um diálogo (mal) que desejaria concluir” (FERREIRA, 1981B: 178). O diálogo de um existencialista, preocupado com a “autenticidade” e a busca de respostas a inquietações metafísicas e políticas, com o poeta fingidor, sempre foi difícil. Difícil era também deixar de admirar o poeta. Essa carta reencontrada mostra que ele prosseguia o diálogo, de maneira ainda “zigzagueante”, como bem o definiu Maria da Glória Padrão: “Seria decerto curioso desenhar o diagrama zigzagueante dessas explicações, não feito de curvas e contra-curvas num modo ondulado, mas traçado em ângulos de segmentos de recta” (1982: 28). Um diálogo que não foi concluído, mas cujas marcas se encontram, assimiladas, nas obras do grande romancista.

Anexo I

Fac-símile do envelope



Anexo II

Transcrição da carta de Vergílio Ferreira

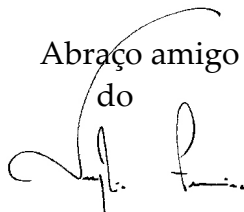
Praia das Mações
2710 Fontanelas
1.9.82

Querida amiga:

Sou um velho admirador de Pessoa, mas já um tanto fatigado. A verdade cansa e é por isso que existe o erro, ou seja outra verdade. Pessoa é um muro e há assim que transpô-lo ou ladeá-lo. Alguns de nós, consciente ou inconscientemente, cometemos a imprudência ou a fraqueza de traçar tangentes a Pessoa para se tornarem compreensíveis. Mas Pessoa também foi incompreensível. Se temos vivido no tempo dele, era provável dar-se o caso de o encararmos sob a óptica de Eça de Queirós. Isto é uma banalidade mas que nem por isso deixa de existir a contraprova. Houve um senhor professor de filosofia, chamado Vieira de Almeida, que a deu. Expressamente ele declarou – e provou à sua maneira – que Pessoa era ininteligível. Por mim, que também lhe bati o pé, não sei se para me independentizar, mas o poeta me colidiu com a compreensão. Mas colidiu-me com a margem de toda a arte, que é o artifício, e nele me soa artificialismo. Hoje não o discuto como se não discutem as pedras que são, por si sós, uma maravilha da criação. Mas não o discuto sobretudo porque ele está aí, inamovível, e há que continuar a viver. Dado tudo isto, pergunto-me quantos Pessosas não estarão já existindo e dos quais não damos conta por causa de um outro Eça de Queirós que ele foi, demolindo-o ou substituindo-o. Possivelmente não há acasos nos grandes factos históricos, apesar do nariz de Cleópatra. Possivelmente todo o real é racional. Mas não deixa de me chamar a atenção o facto de que a grande expansão de Pessoa é o que veio a centrar-se na problemática do “eu” e nele se exprimiu – sem talvez bem o saber – na questão dos heterónimos. Porque essa questão tinha que ver ultimamente (ou tem que ver para mim) com as grandes contradições em que o homem já se dilacerava e traduziam por fim o seu vazio. As razões que Pessoa aduziu para o problema controverso dos heterónimos era mais mezinha: se um romancista ou dramaturgo pusesse seus personagens a fazer versos, tais versos seriam necessariamente diferentes sobre o fundo comum da ausência de um autor. De qualquer modo, Pessoa falou numa voz mais facilmente entendível ou convertível por todos os Lacans e Derridas. E assim foi que, o mais discutível no poeta, foi o mais essencial e actual. É essa uma questão que assenta num paradoxo e é que é um sujeito que tem de negar o sujeito, é um “eu” que tem que enunciar a questão do “outro”. E atenção: se construirmos um *robot* tão perfeito como o homem, o problema permanece.

E agora vou ler o seu livro pessoano, que recebo neste momento, não folheei sequer e muito lhe agradeço.

Abraço amigo
do



Anexo III

Fac-símile da carta de Vergílio Ferreira

Prise des levées
2740 futaies

1.9.82

Queda unida:

Sou um velho admirador de Pessoa, mas já um tanto fatigado. A variedade conhecida
 a fim disso a fim acerto e erro, em referências variadas. Pessoa é um mundo a lá mesmo que
 transpõe os limites da língua do verbo, universalmente ou comumente, universalmente a compreensão
 de um a frequência de traços transpõe a Pessoa para se tornarem compreensíveis. Mas Pessoa
 também foi incompreensível. Ele temo verdo no tempo delirio, no provável dentro e fora de o
 reconhecendo não a opção de bey do Gueiró. Isto é uma conhecida mas por não por nos de
 de seij, a interpretação. Pessoa um homem profundo de filosofia, chamado Visão de Almeida,
 por a sua. Genuinamente ele declarou - « Pessoa é um homem - por Pessoa não existia. ^o
 Por isso, por também ele isto é, não se é Pessoa um independentemente, mas o facto um
 colidia em a compreensão. Mas aliás um em a mesma de toda a arte, por a arte, e
 não me era autêntico. Há os - dentro um e no dentro - Pessoa por si, por si só,
 uma maneira de ver. Mas os - dentro substitui por de si a, universal, e lá
 por continua a ver. Desde tudo isto, Pessoa um facto Pessoa no tempo. Pessoa existia a dos
 factos, not domos muito. Por isso de bey do Gueiró por desconfiança e substituição. Pessoa um
 não alguns nos grandes factos históricos, além de mais de filosofia. Pessoa um, lá, lá e a
 universal. Mas não de si de um homem - a arte - facto a ser a grande regra de aspas
 de Pessoa é o por ser a natureza de Pessoa de "de" a arte e a arte - um bey
 lá e lá - se facto dos históricos. Pessoa um facto todo por um ultimamente (um tempo
 por Pessoa) um - grande verdade em por a natureza de a natureza a natureza por a
 o um rego. A regra por Pessoa natureza Pessoa - Pessoa natureza dos históricos um mais
 universal: « um momento de existência. Pessoa é um momento a por natureza, lá, lá.
 no não universalmente diferente. Não o facto comum da natureza de um facto. De facto
 não Pessoa factos mais rego facto universal de universal por todos os lugares a Pessoa. E
 foi por, o não universal no facto, foi o não universal a arte. É um mais facto por
 muito um Pessoa a a por a a respeito por de a respeito, a um "um" facto
 de natureza a Pessoa de "arte". E aliás, a natureza um facto de facto, um
 homem, o facto Pessoa.

↳ after we have our two genomes, for each site in genome, we follow
up on a map to the reference.

Shrey -

2. 1.

Bibliografia

- FERREIRA, Vergílio (1981a). *Conta-Corrente 2*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- (1981b). *Vergílio Ferreira. Um escritor apresenta-se*. Apresentação, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Coleção, Biblioteca de Autores Portugueses.
- (1952). “Carta a Álvaro Sampaio sobre Fernando Pessoa”, in *Vértice*, n.º 99/101, Coimbra Novembro de 1951 – Janeiro de 1952, p. 537.
- LOURENÇO, Eduardo (1952). “Explicação pelo inferior ou a crítica sem classe contra Fernando Pessoa”, in *O Primeiro de Janeiro*, Suplemento das Artes, das Letras, Porto, 26 de Novembro, p. 3.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (1979). “Notas para uma leitura lacaniana do Vácuo-Pessoa” in *Actas do 1º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*. Porto: Brasília Editora, pp. 459-469. Edição realizada em colaboração com o Centro de Estudos Pessoaanos e com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (1954). *Fernando Pessoa, o insincero verídico*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- PADRÃO, Maria da Glória (1982). “Fernando Pessoa e Vergílio Ferreira, II – O Neutro e a Contemporaneidade”, in *Persona*, n.º 6, Porto, pp. 27-32.
- (1981). “Fernando Pessoa e Vergílio Ferreira, I – O neo-realismo contra a *Presença* e Casais Monteiro”, in *Persona*, n.º 5, Porto, pp. 39-50.
- SACRAMENTO, Mário (1958). *Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda*. Lisboa: Editorial Contraponto. 2.ª ed., Porto: Editorial Inova, 1970.
- SAMPAIO, Álvaro [Luís Albuquerque] (1952). “Conversa com Maurício sobre Fernando Pessoa”, in *Vértice*, n.º 99/101, Coimbra Novembro de 1951 – Janeiro de 1952, p. 495.